

CICLO DE CINEMA

17 NOV 17:00



# DOMINGOS NA CASA DO CINEMA MANOEL DE OLIVEIRA E O CINEMA PORTUGUÊS 2

*NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR*

# SESSÃO 26

## 17 NOV | DOM | 17:00

### NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR

Manoel de Oliveira | POR, ESP, FRA | 1990 | 108'

**Realização e argumento:** Manoel de Oliveira

**Produção:** Paulo Branco

**Direção de fotografia:** Elso Roque

**Montagem:** Manoel de Oliveira e Sabine Franel

**Caraterização:** Luís Monteiro e Zé Branco

**Caraterização:** Mariano Garcia Rey, Teresa Rabal, Teresa Águas e Helena Baptista

**Guarda-roupa:** Isabel Branco

**Direção de som:** Gita Cerveira

**Interpretação:** Luis Miguel Cintra (Alferes Cabrita, Viriato, D. João de Portugal, Capitão Alexandre Moreira), Diogo Dória (Furriel Manuel, Guerreiro lusitano, Primo de D. João Portugal), Miguel Guilherme (Soldado Salvador, Guerreiro lusitano, Soldado de Alcácer), Luís Lucas (Furriel Brito, Guerreiro lusitano, Nobre de Alcácer), Carlos Gomes (3º Cabo, Guerreiro lusitano, Soldado de Alcácer), António Sequeira Lopes (Cabo Pedro, Guerreiro lusitano, Soldado de Alcácer), Mateus Lorena (D. Sebastião), Lola Forner (Princesa D. Isabel), Raul Fraire (D. Afonso), Ruy de Carvalho (Cavaleiro suicida), Teresa Menezes (Dione), Leonor Silveira (Tethys), Paulo Matos (radiotelegrafista, Vasco da Gama), Francisco Baião (Príncipe D. João), João Bénard da Costa (Barão de Alvito), Luís Mascarenhas (D. Afonso V) e André Gago (D. João de Menezes).

**Produção:** Madragoa Filmes, Tornasol Films, Gemini Films, SGGC, em associação com Radiotelevisão

Portuguesa e a R.T.V.E. Television Española  
**Cópia:** 35mm, cor, a exhibir em formato DCP

**Duração:** 108 minutos

**Estreia:** 15 de maio de 1990, Festival de Cinema de Cannes (fora de competição), França

**País:** Portugal / Espanha / França



## COM A APRESENTAÇÃO DE PEDRO CRISPIM

É certo que Manoel de Oliveira sempre justificou a sua recusa em apresentar *Visita ou Memórias* e *Confissões* em vida por questões de pudor. E, respondendo à determinação de fixar a memória da sua vivência familiar na casa que habitou durante quarenta anos na Rua da Vilarinha, Pedro Crispim formou-se em teatro na Academia Contemporânea do Espetáculo (2010) e licenciou-se em Cinema e Audiovisual na Escola Superior Artística do Porto (2013). Concluiu o mestrado em Comunicação Audiovisual, na especialização Produção e Realização Audiovisual, pela Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Politécnico do Porto (2016) e uma pós-graduação em Argumento pela Escola Superior de Media, Artes e Design (2019). Doutor em Ciências da Comunicação, na especialidade de Cinema e Televisão pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa (2022) com a tese “Resgates da câmara: Intimidade e unidade de espaço no cinema de ficção

narrativo” sobre a relação entre intimidade e unidade de espaço no cinema de ficção. Escreveu e realizou a curta-metragem *Palhaços* (2015), vencedora, entre outros, do Prémio Sophia Estudante (ficção) e da Menção Honrosa do MotelX. Foi assistente de realização de Manuel Mozos na curta-metragem *A Glória de Fazer Cinema em Portugal* (2015). É professor na licenciatura de Cinema e Audiovisual da ESAP, investigador no Centro de Estudos Arnaldo Araújo e assistente de programação da Casa do Cinema Manoel de Oliveira da Fundação de Serralves.

## PARA CÁ DO ESPELHO MÁGICO OU A GRÁ GLÓRIA DE DES-SONHAR

*It's all in pieces, all coherence gone.*  
John Donne

O último filme de Manoel de Oliveira surpreende pela linearidade da narrativa e a aparente clareza do propósito. Conta-nos, como a alunos atentos, mais ingénuos do que seria necessário, o estranho destino de um Povo – o nosso – vocacionado, não se sabe bem se pelos deuses, se pela Providência que nada deixa ao acaso, para fracassos tão clamorosos como enigmáticos. Um *Não* maiúsculo, com o tamanho de oito séculos, ressoaria, como nos romances camilianos das paixões impossíveis, no espaço do sonho mais ou menos acordado do nosso ímpar destino.

À primeira vista, esta pedagógica revisitação da História portuguesa, a partir do momento em que a nossa aventura imperial põe a dedada final na série das nossas derrotas por conta de sonhos inviáveis ou loucos, de Viriato a Alcácer-Quibir, parecerá uma escandalosa e audaciosa inversão do discurso ritual de natureza épica que, depois

do romantismo – ou desde a origem? – nos tem servido de viático inesgotável. Em resumo, *NON ou a Vã Glória de Mandar* seria uma espécie de anti-*Lusíadas* contado às criancinhas perdidas nas malhas de um império findo por um Manoel de Oliveira – Velho do Restelo.

Sendo também isso, o conto que desta vez tem o cineasta do *Meu Caso* – que não era o dele, sendo-o muito – como autor assumido, é um pouco mais complexo e menos provocador. Para quem, sob a caução de leituras feitas lá fora, esperava ver nele uma devastadora denúncia das ilusões e da má fé que todos os povos põem, como os indivíduos, na evocação dos seus passados, a decepção é completa. E não é mal que o seja, pois o tão apreciado jogo das meras inversões ou transgressivas leituras das mitologias consagradas, começou a ser o conformismo da Maternidade ou do que resta dela. A visão de Manoel de Oliveira é mais interessante porque, sem deixar de ser clássica à má maneira, como o pequeno navio da “Ode Marítima”, está destinada a perturbar, a outro nível, a alegre, a inexcelsivelmente feliz relação que a memória comum pátria entretém com ela mesma. Inspirando-se no esquema narrativo de *Os Lusíadas*, impondo ao alferes-narrador (Luis Miguel Cintra), no momento crucial do filme, uma “voz camoniana”, tão apta para legendar os nossos feitos gloriosos como para sublimar esta coleção enigmática de “ocasiões perdidas”, em que se resumiria a nossa História, Manoel de Oliveira, para além de virtual e inócua contestação, opera um bem maior desvio ou derrapagem do nosso discurso épico já vazio, paradoxalmente, o torna redutivo com toda a inocência.

Para quem conhece a obra de Manoel de Oliveira, era pouco crível que as coisas se passassem como o *Libération*, a partir de

uma perspectiva niilista, conatural à presente cultura francesa, pensa que se passam. Mas não era menos crível que elas fossem de natureza a ofuscar a ótica caseira do nosso patriotismo castiço, sensível à sacralização abstrata de um passado que há séculos substituiu a imagem verosímil da nossa História. Que os apoderados do sentimento nacional, os diversos *souteneurs* do amor pátrio, se tranquilizem. O autor de *Francisca* não se especializou no ultraje ou no sacrilégio relativo aos chamados “valores nacionais”. Não é, nem era de esperar que fosse, o Buñuel ou o Arrabal da nossa mitologia patriótica ou sentimental. A sua navegação não é menos aventurosa, mas é mais subtil, lírica e alegórica, à portuguesa. Neste seu filme, Manoel de Oliveira nem revisita como historiador minimamente inovador o nosso passado, nem promove acerca dele uma leitura mitológica de transcendente alcance, como puderam ser nas suas épocas, a de Carmões, de Garrett, de Herculano e sobretudo, a de Antero e Oliveira Martins ou, em versão poético-mítica, a de Pascoaes, de Pessoa e de Régio. Manoel de Oliveira propõe, com uma candura sublime, numa mitologia primária (a da escola primária do seu tempo), a primeva, original, fundadora, por já colhida na sua forma mítica, escolhendo nela aqueles episódios que por serem sonhos perdidos, como os de Emma Bovary, deixaram no corpo e na alma cicatrizes indelévels.

A sua perspectiva é de uma mitologia-ficção, monstro concetual apenas aparente. *NON ou a Vã Glória de Mandar* só por contrassenso ou perversão exegética pode ser remetido para o horizonte da nossa história coletiva real, lida com sinal positivo ou negativo. É um filme totalmente onírico, como quase todos os do mais célebre dos nossos cineastas, e por causa disso...

*NON* situa-se em qualquer parte entre *Conan the Barbarian* (*Conan o Bárbaro*, 1982, de John Milius) ou *La Guerre du feu* (*A Guerra do Fogo*, 1981, de Jean-Jacques Annaud) (sinais do regresso às origens que fascina a nossa condição de habitantes do Fim) e *Excalibur* (1981, John Boorman), flecha cravada num futuro onde nos espera, acaso, a solução do enigma. Mas, claro está, o que mais nos importa é que na sua operação de mitológica-ficção, Manoel de Oliveira reestrutura, à sua maneira inconfundível, o território instável do nosso imaginário. Ao mesmo tempo comovido e perplexo, revisita esses momentos de perda e potencial glória em que, segundo ele, o nosso destino mítico ou se influiu, jogando contra os imperativos da História real (Viriato) ou se perdeu, sonâmbulo, inconscientemente suicida, como em Alcácer (D. Sebastião).

Como ilustração de um pacifismo óbvio ou de um moralismo não menos óbvio, esta revisitação em forma de história aos quadrinhos não teria grande alcance, por mais fascínio que possam exercer sobre o espectador, quase só como simples ícones ou teatralização onírica, muitos episódios ou imagens do filme, autónomas no seu poder ou na sua magia, tal como outros ou outras (Ilha dos Amores) podem fazer sorrir pelo seu lado assumidamente *kitsch*. Também não me parece que se equilibre esta real ou hipotética constatação do ideal épico tradicional e o seu discurso de “conquista” com a apologia do “dar” ou “dar-se” que caracterizaria, seguindo nisso a mais patriótica das exegeses, o feito mais positivo da nossa História, o dos Descobrimentos, subtraído assim à maléfica existência com os interesses e violências deste baixo mundo. Não que a oposição seja irrelevante, e ainda menos absurda, mas porque no corpo do filme, nos seus episódios e imagens, esta redentora dádiva

de nós mesmos, justificadora da nossa aventura, é uma mera hipótese, não vida vivida, encarnada.

A visão de Manoel de Oliveira, o que nela nos toca, tem a ver com a melancolia, com a franja de fracasso que banha e como que ilumina, elevando-a a um grau que as meras vitórias – mesmo aquelas fundadoras como Ourique ou Aljubarrota – não suscitam. Não se trata pois, em *NON* ou a *Vã Glória de Mandar*, de dar uma maniqueísta preferência como elemento definidor ou característica do nosso destino, pelas “derrotas” contra as “vitórias”. Trata-se apenas de perceber e sentir que as vitórias têm nelas mesmas o seu preço, e que as derrotas – as derrotas impostas por sonhos maiores do que nós – nunca acabam de nos interpretar e, de algum modo, de nos redimir. Mesmo contada com a incrível ingenuidade da infância que é a dos verdadeiros poetas, a “História”, a nossa História, não é um *western* com fim claro e justiceiro. É um enigma, uma palavra reversível, cujo comentário Manoel de Oliveira entrega ao pessoano imperador da nossa língua e desvairado profeta do nosso destino. A filosofia que talvez Manoel de Oliveira não tenha e o filme não precise, no jogo barroco de Vieira sobre o *NON* se diz com o relevo que basta. *NON* é mais que fácil rejeição do que nos oprime ou nega porque não somos sequer sujeitos dela. Não somos nós que rejeitamos, mas é alguém ou alguma coisa (fado ou deuses) que nos rejeita, que nos submete à sua norma sempre reversível e enigmática. Bordado sobre a nossa “História”, a partir de um remate dela entrevistado e mostrado como inevitável (e justa?) catástrofe, o filme de Manoel de Oliveira, como quase todos os seus, nada tem a ver com a História, mas com a sua representação mítica. A sua linhagem não é a dos mitólogos, à Jaime Cortesão, à Agostinho

da Silva, mas também à Régio e à Pessoa, todos corrigidos e subtilmente desviados das suas visões messiânicas, mais ou menos euforizantes pela visão de Oliveira Martins. A nossa aventura termina em Alcácer-Quibir como a do autor da *História de Portugal* (retomada literalmente na *Mensagem* de Pessoa), nessa batalha que consagra a nossa vocação de derrotados, não por congénita fraqueza ou cobardia mas por excesso de sonho, de inconsciência ou de loucura, aquilo a que os gregos chamaram *ybris*. A guerra de África – ou a jornada de África, à Manuel Alegre – com o seu 25 de Abril emblemático, é apenas o já visto, um Alcácer-Quibir de sonho, de que as diversas vozes dos soldados presos nas malhas de um Império póstumo buscam uma explicação no imperialismo alheio (americano e russo), nunca em nós mesmos, povo inocente e crístico, como o judaico é povo de Deus no meio das suas abominações ou idolatrias. É este Portugal-fora-da-História, não por princípio, mas pelo nosso gosto de a ignorar, que o narrador remete para a “História” como rosário de altos e dolorosos (vãos?) sacrifícios, sem outro resultado que o de uma última identificação, acaso redentora, com um Desejado que numa imagem fulgurante se revela como incapaz de Desejo.

É o último filme de Manoel de Oliveira, o grande, sofisticadamente inocente, ajuste de contas com um 25 de Abril e a sua debilitada mitologia? Não é de excluir esta leitura anedótica, mas redutora. Será mais justo colocá-lo sob a égide do Raul Brandão de *El-Rei Junot*, do António Patrício do *Fim*, do *D. Sebastião* e do seu Evangelho em branco de Régio e, lá mais para trás, à sombra das presenças tutelares do Garrett de *Camões* e *Frei Luís de Sousa* corrigidos pela saudade-esperança, fracasso-redenção de Pascoaes e até de Pessoa. Mas o mais simples é ser tão claro e ingénuo como o

autor e colocar o seu filme, como Manoel de Oliveira o fez sob o olhar camonianiano, melancólico, irado, amante de amargas verdades e de utópicos paraísos. É assim tão intolerável este *vídeo-clip* das nossas desgraças, afinal tão patrioticamente gloriosas, para que as puras vestais do destino nacional como epopeia pura, à John Weyne (o que só nos vemos), se ofusquem, a ponto de não quererem mirar-se, ao menos por curiosidade, neste espelho do nosso anti-Lewis Carrol?

Eduardo Lourenço

(in *Público*, 12 de outubro de 1990, pp. 8-9)

[www.serralves.pt](http://www.serralves.pt)

 /fundacao\_serralves

 /fundacaoserralves

 /fundacaoserralves

 /serralves

**Fundação de Serralves**

Rua D. João de Castro, 210  
4150-417 Porto – Portugal

[serralves@serralves.pt](mailto:serralves@serralves.pt)

Linhas gerais:  
(+351) 808 200 543  
(+351) 226 156 500

Chamadas para a rede  
fixa nacional.



Apoio institucional

